

Efeitos da crise econômica sobre o Rio de Janeiro

A crise econômica e política que atingiu o Brasil também deixou o Rio de Janeiro especialmente vulnerável. O Estado tem o segundo PIB do País (R\$ 677 bilhões em 2015, segundo estimativa do Cepoerj), mas o governo fluminense vem sofrendo com a perda de receitas: entre 2014 e 2016, a queda foi de 53%. As despesas também diminuíram, mas numa proporção menor: apenas 42%. O resultado desse descompasso foi um aumento de 80% do déficit público, que passou de R\$ 4,3 bilhões em 2015 para R\$ 7,8 bilhões em 2016.

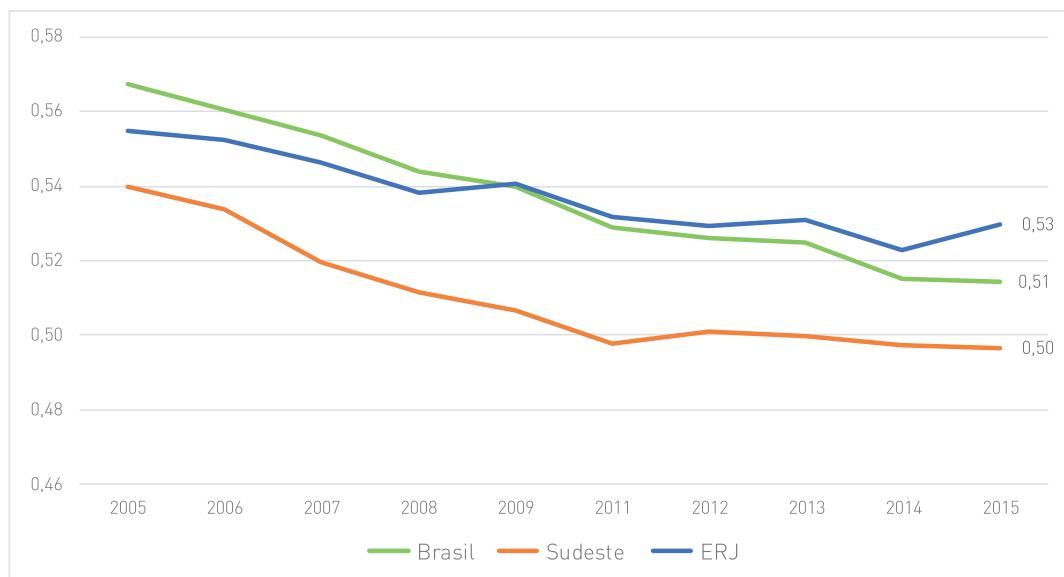
Os efeitos dessa crise afetaram o mercado de trabalho e aumentaram o índice de desigualdade e a porcentagem de pobres. Veja abaixo a análise do Observatório Sebrae/RJ sobre os dados da PNAD de 2015 e da PNAD-Contínua de 2016, ambas do IBGE.

COMPARE INDICADORES DO RIO DE JANEIRO, SUDESTE E PAÍS



- Entre 2014 e 2015, a renda domiciliar per capita caiu 6,5%, passando de R\$ 1.411 para R\$ 1.319 – uma queda de 6,5%, menor do que as observadas no País (7,0%) e no Sudeste (7,3%).
- Por outro lado, o percentual de pobres aumentou mais de um ponto no Rio, passando de 11% para 12,3% da população. O valor é inferior ao do Brasil (17,3%), mas superior ao do Sudeste (9,7%).

COEFICIENTE DE GINI — 2005 A 2015



Fonte: IETS com base na PNAD de 2005 a 2015.



- O coeficiente de Gini, que mede a desigualdade de renda, interrompeu a trajetória de queda que mantinha desde 2005 e voltou a subir, chegando a 0,53. O indicador é superior ao registrado no Sudeste (0,50) e no Brasil (0,51), onde os coeficientes de Gini se mantiveram estáveis.

A GEOGRAFIA DA CRISE



Desde 2012, o Estado do Rio de Janeiro, a região Sudeste e o Brasil deixaram de registrar queda nas taxas de desemprego, como vinha ocorrendo desde 2005. Em 2015 e 2016, o crescimento do desemprego apresentou aceleração nos três recortes territoriais, sendo contudo mais forte no Estado do Rio de Janeiro.

O desemprego não atinge igualmente todas as áreas do Estado. Quando comparamos a Capital com os demais municípios da Região Metropolitana fluminense – “Periferia”, para simplificar – vemos que a taxa de desemprego da Periferia é quase o dobro da observada na Capital e que a do Interior também ultrapassa a da cidade do Rio de Janeiro. Ainda assim, a situação da Capital não é confortável: os dados da PNAD Contínua, na tabela abaixo, mostram que em 2016 o desemprego na Cidade do Rio de Janeiro cresceu mais do que nos demais recortes.

TAXA DE DESEMPREGO (%) — 2014 A 2016

			RIO DE JANEIRO			
	BRASIL	SUDESTE	ESTADO	CAPITAL	PERIFERIA	INTERIOR
MÉDIA ANUAL						
2014	6,8	6,8	6,3	5,0	7,7	6,4
2015	8,5	8,7	7,6	4,7	9,6	9,4
2016	11,5	11,9	11,7	8,1	14,9	13,23
VARIAÇÃO ANUAL						
2014-2016	68,7%	74,2%	87,6%	62,6%	93,4%	106,3%
2015-2016	35,1%	36,7%	53,8%	70,0%	55,3%	40,1%

Fonte: IETS / Estimativas produzidas com base no Pnad Contínua (IBGE), 2014 a 2016

CONTINUA

CONTINUA

O Rio de Janeiro sempre teve uma taxa de participação – a parcela da população em idade ativa que está trabalhando ou em busca de emprego – baixa em relação a outros estados. Com a crise, mais pessoas passaram a buscar trabalho, o que elevou a taxa de participação de 57,9% em 2014 para 59% em 2016 -- o maior nível desde 2005. Esse aumento é um dos fatores para o aumento do desemprego, junto com a destruição dos postos de trabalho.

QUEDA NO TOTAL DE OCUPADOS ATINGE MAIS PERIFERIA E INTERIOR

Após a estagnação de 2015, a queda na ocupação foi maior no ERJ (-2,4%) que no Brasil (-1,9%) e Sudeste (-1,0%). O número de postos de trabalho diminuiu mais no Interior (-3,6%) e na periferia da Região Metropolitana (-3,1%) do que na Capital (-1,0%).

DESIGUALDADE SE ACENTUA



As desigualdades já observadas no Estado se acentuaram com a crise. A renda média do trabalho cresceu fortemente na Capital entre 2014 e 2016, enquanto diminuiu na Periferia e no Interior. O aumento de 12% da renda na Cidade do Rio de Janeiro impulsionou também a média estadual, que cresceu, ao contrário do observado no Brasil e no Sudeste.

INDÚSTRIA ENCOLHE NO RIO E NO BRASIL



- Setor que congrega 10,2% dos ocupados no ERJ, a Indústria foi o ramo de atividades mais atingido pela desaceleração econômica, especialmente no interior fluminense: entre 2015 e 2016, o número de trabalhadores encolheu 14,5%.
- Os setores de Serviços e Comércio, que absorvem, respectivamente, 54,2% e 18,5% dos ocupados do Rio, também encolheram. O percentual de ocupados no Comércio se reduziu em 3,9% na Periferia e 5% na Capital. Serviços teve variação negativa de 5% na Periferia.
- O destaque positivo foi a Construção Civil, que cresceu 3% na Capital e 5,5% no resto da Região Metropolitana.
- Em tempos de aperto no setor público, o número de funcionários diminuiu no Brasil, no Sudeste e no Rio – mas cresceu 3,2% na capital fluminense.

EMPREENDEDORES E AUTÔNOMOS



Quando as vagas de trabalho se reduzem, é comum que trabalhadores busquem o empreendedorismo como alternativa. Em 2016, o número de empregados com carteira de trabalho assinada diminuiu em relação a 2015. A queda no Estado do Rio de Janeiro foi de -8%, superior à observada no Sudeste (-3,1%) e no Brasil (-3,7%).

Em compensação, o número de trabalhadores por conta-própria cresceu 6,1%, mais do que no Sudeste (4,6%) e no Brasil (1,2%). Já o número de empregadores diminuiu em todos os recortes analisados – no ERJ, 3,2%.

VARIAÇÃO DO TOTAL DE OCUPADOS POR POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO ENTRE 2015 E 2016

	Empregado com carteira	Empregado sem carteira	Empregador	Conta-própria	Militar e servidor estatutário
Brasil	-3,7%	-0,3%	-2,6%	1,2%	0,7%
Sudeste	-3,1%	0,1%	-3,1%	4,6%	0,6%
Rio de Janeiro	Estado	-8,0%	2,3%	-3,2%	6,1%
	Capital	-4,8%	0,9%	-5,8%	7,7%
	Periferia	-10,3%	6,4%	-6,1%	4,8%
	Interior	-10,4%	-1,8%	-2,4%	5,4%
					1,3%

Fonte: IETS/ Estimativas produzidas com base na Pnad Contínua (IBGE), 2015 a 2016

Vale observar que as mudanças afetaram principalmente o setor de serviços, que concentra a maior parte dos empreendedores fluminenses. Nesse ramo de atividades, o número de empregadores diminuiu 9,5% entre 2015 e 2016, enquanto o de trabalhadores por conta-própria aumentou 14,2%. A variação pode indicar que parte desses pequenos empresários optou por dispensar empregados e trabalhar como autônomos. A mudança preocupa, já que um indicador de sucesso dos empreendedores é gerar empregos.

Em contrapartida, observa-se um aumento da escolaridade entre os contas-próprias e um aumento do percentual de empreendedores que contribuem para a Previdência Social.

A renda de empregadores e de contas-próprias diminuiu entre 2015 e 2016 em todos os ramos de atividade no Rio de Janeiro. A remuneração média dos empregadores no Rio é de R\$ 5.524, abaixo da registrada no Brasil (R\$ 6.189) e no Sudeste (R\$ 7.032). A dos contas-próprias é de R\$ 2.369, inferior à do Sudeste (R\$ 2.472) mas superior à do Brasil (R\$ 2.090).

Telefone - 0800 570 0800

Twitter - @sebraerj

Facebook - fb.com/sebraerj

www.sebraerj.com.br

